

PROJETO PEDAGÓGICO “CARTAS ABERTAS”: DIA INTERNACIONAL DA MULHER NEGRA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA, TEMÁTICA POSSÍVEL PARA SALA DE AULA.

Isaque De Jesus Oliveira¹
Idalina Maria Almeida De Freitas²

RESUMO

O referido trabalho aborda a importância do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, comemorado no dia 25 de julho, como um símbolo de resistência e luta contra o racismo e o machismo. As discussões e narrativas presentes na temática, nos levou ao desenvolvimento de um projeto pedagógico que vem sendo executado desde 2023, com o foco nas redes educacionais de ensino e a valorização da identidade racial dos alunos. A iniciativa resultou na criação do material "Cartas Abertas", que destacou figuras históricas negras e promoveu discussão sobre gênero e raça. O projeto "Cartas Abertas" visa principalmente fomentar um espaço de reflexão crítica e representatividade nas salas de aula, utilizando-se de narrativas e vivências de mulheres negras que marcaram a história do Brasil e do mundo, como Elza Soares, Marielle Franco, Rainha Nzinga, Maria Felipa, Carolina Maria de Jesus e Luísa Mahin. Em cada fase do projeto, essas figuras foram trabalhadas de forma a inspirar os alunos e fortalecer a importância da negritude como parte fundamental da identidade brasileira. As iniciativas construídas até o momento buscam promover atividades que incentivam o pensamento crítico e a desconstrução de estereótipos, abordando temas como o racismo, o machismo e as múltiplas formas de violência que afetam as mulheres negras em nossa sociedade.

Palavras-chave: Cartas Abertas; 25 de Julho; Mulheres negras.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Discente,
isaqueoliv00@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente,
idaensino@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

É do conhecimento de muitos, que no dia 25 de julho, se é comemorado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Essa data comemorativa surge a partir da primeira conferência de Mulheres Negras em Santo Domingo, na República Dominicana em 1992, onde mulheres negras de mais de 70 países reuniram-se para compartilhar suas vivências, denunciar as opressões e debater possíveis resoluções para a luta contra o machismo e racismo. Foi a partir desse encontro que nasceu a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-Caribenhas. Rede essa, que junto à Organização das Nações Unidas (ONU) lutou para o reconhecimento do dia 25 de julho como o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha.

A consistência dessa data não diz respeito apenas a uma comemoração, é na verdade um marco internacional da resistência e luta das mulheres negras para reafirmar a necessidade de enfatizar o racismo e sexismo vivido até os dias atuais pelas mulheres que são marcadas pela discriminação racial, social e de gênero. A data surge em um contexto complexo, trazendo essa necessidade de se debater políticas públicas e domésticas para minimizar os marcadores sociais dessas mulheres que se encontram na base da pirâmide social, sendo as que mais são violentadas pelas vulnerabilidades socioeconômicas. Segundo Angela Davis afirmou no Encontro Internacional sobre Feminismo Negro e Decolonial em Cachoeira, "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo".

Aqui no Brasil, o 25 de julho é ressaltado como um movimento de resistência e luta, principalmente pela mobilização empregada por uma das precursoras do movimento, Lélia Gonzalez. Professora, filósofa, e antropóloga, Lélia foi e ainda é um dos nomes mais importantes do ativismo feminino e negro no Brasil. Lélia acreditava que em um país cuja formação e educação primárias se deu majoritariamente, a partir de mulheres negras e indígenas, não seria aceitável padronizar modelos de um feminismo branco europeu, que pouco, ou nada, diz respeito aos marcadores de mulheres não brancas (CARDOSO, 2014).

No Brasil, o 25 de julho é referenciado também como o Dia Nacional de Tereza de Benguela, mulher negra do século XVIII, líder do quilombo Quariterê no Vale do Guaporé (MT). A referência escolhida pelo movimento de mulheres negras para ser o símbolo do 25 de julho, é dada a Tereza de Benguela pelos seus movimentos de luta e resistência ao sistema escravista da época. A data foi institucionalizada pela Lei 12.987/2014, sendo um marco poderoso para o movimento de mulheres negras. É a partir dessas ideias, que o movimento feminista negro no Brasil, resgata, e incorpora, personalidades marcantes da história do Brasil para referenciar as lutas e movimentos de resistências dessas mulheres.

METODOLOGIA

Em julho de 2023, em desenvolvimento no projeto de Residência Pedagógica, foi encarado o desafio de pensar uma temática de projeto pedagógico, para turmas do ensino fundamental, no Instituto Municipal de Educação Luiz Viana Neto (IMLVN) em São Francisco do Conde, Bahia. A proposta era desenvolver um tema em plano de ação, que tivesse uma linguagem acessível para os educandos, e ao menos tempo alcançasse um impacto significativo para suas trajetórias de formação. Ao observar o perfil característico das turmas, nos deparamos com indivíduos majoritariamente negros, no processo de pensar as suas próprias identidades.

O material proposto emergiu desse contexto, em que muitos desses jovens se formaram identitariamente sob



a influência do auto-ódio, vendo sua negritude como um defeito. Enfatizando as meninas, percebemos inúmeras narrativas dessa rejeição identitária, como o alisamento dos cabelos, a busca pelo corpo ideal, e até mesmo certa disforia de seus traços negróides. Foi constante o debate entre os discentes sobre questões raciais, o que declarou que suas identidades estavam sendo moldadas em torno dessas discussões. No entanto, também foi possível perceber narrativas que reforçavam o imaginário hegemônico sobre raça e racismo. Assim como a Sueli Carneiro (2005) nos lembra “não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes”.

Partindo das observações no ambiente escolar, foi pensado a produção de um material paradidático, que pudesse dar conta de discutir o 25 de julho e seus significados. Foram selecionadas 6 mulheres de diferentes períodos históricos que influenciaram o processo de resistência feminina negra para o Brasil. Foram elas, Elza Soares, Marielle Franco, Rainha Nzinga, Maria Felipa, Carolina Maria de Jesus e Luísa Mahin. Partindo dessas referências, surge o material “Cartas Abertas”, onde incorporamos as vivências e obras dessas mulheres em uma linguagem autoral delas mesmas.

A relevância desta iniciativa evidenciou a necessidade de dar continuidade ao projeto “Cartas Abertas” em 2024, expandindo seu alcance para além das salas de aula de São Francisco do Conde. O objetivo passou a ser levar essa discussão para outras comunidades escolares, promovendo uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre identidade, raça e gênero. Para isso, o projeto buscou parcerias com outras instituições de ensino e colaborou com organizações culturais e sociais dedicadas à promoção dos direitos das mulheres negras.

O principal objetivo da proposta foi desenvolver e discutir o material “Cartas Abertas” em referência ao Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha em instituições educacionais de nível Médio e Superior no município de São Francisco do Conde. O objetivo também buscava envolver os estudantes em atividades que promovessem o interesse e a compreensão sobre a temática, incentivando a reflexão crítica e o aprendizado ativo. O 25 de julho, como tema escolhido para o desenvolvimento de um projeto pedagógico, surgiu como justificativa empregada para tocar o imaginário dos alunos no seu processo de construção identitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil racial dos colégios de São Francisco do Conde evidenciou a urgência de ações em torno da temática racial, e a utilização do material na sala de aula foi intencionalmente pensada para ser uma dessas ações em torno da discussão racial para esses educandos. A intenção era que, além de compreenderem o material, eles se percebessem nele, e também nas discussões em sala. Em 2023, o projeto vinculado ao Programa de Residência Pedagógica, trabalhou o material em turmas de ensino fundamental anos finais, discutindo a importância do protagonismo de mulheres negras nos diferentes espaços sociais. As atividades foram executadas de forma expositiva dialogada em turmas de 6º ano, as crianças interagiram de forma positiva e direta, tendo a oportunidade de discutir e interpretar as nuances que o material propõe abordar. Foi incrível poder observar que o material conseguiu trazer à tona questões profundas das vivências dos educandos, e como esperado, o material teve grande impacto nas turmas ministradas. Esse impacto se expressou de diferentes formas, mas cada uma foi apresentada de forma expressiva e marcante.

Em 2024 o projeto se reestruturou, e em acordo e construção coletiva, estudantes da rede estadual e federal de São Francisco do Conde, construíram uma ação desse projeto em novos moldes para valorizar e ampliar a temática do 25 de julho na sala de aula. Entendendo que essa temática é significativa para a quebra de estigmas e estereótipos em torno do gênero e da raça, além de possibilitar uma outra manipulação educacional para abordagem do tema em sala de aula, fazendo a ministração de oficinas, a distribuição de materiais pedagógicos, incentivando o raciocínio crítico dos alunos, valorizando a negritude e dando voz a temáticas ignoradas pelo currículo formal.

O principal foco da ação foi contrapor as ideias de subalternidade da mulher negra e potencializar suas negritudes e em cada atividade desenvolvida, foi feito um trabalho de discussão e conscientização sobre a temática. As diferenças de abordagem de 2023 para 2024 não foram diferentes, mas mudamos o desenvolvimento da proposta, abarcando um público maior, tendo em torno de 300 alunos circulando durante o dia da ação na Universidade. E levá-los para a UNILAB foi proposital no sentido de possibilitá-los a uma vivência universitária, e a ampliação de espaços de aprendizagem.

Através da UNILAB conseguimos sediar o evento, executando 16 atividades entre oficinas e rodas de conversas para os estudantes do Colégio Estadual de Tempo Integral Martinho Salles Brasil (CEMSB). As atividades foram ministradas durante os turnos matutino e vespertino do dia 25 de julho, compreendendo temáticas significativas voltadas para o dia, tendo os próprios estudantes e pessoas da sociedade civil como peças fundamentais para execução e desenvolvimento da ação. Conseguimos fazer a distribuição do material “Cartas Abertas” para o grande público participante, fazendo a leitura e discussão aberta sobre a temática, e desenvolvendo uma reflexão sobre os diferentes contextos que se referem às mulheres negras. As contrapartidas também foram pensadas e os materiais desenvolvidos nas oficinas foram realocados para o colégio em uma exposição.

CONCLUSÕES

É de extrema importância a utilização de referências negras no ensino, pois exalta e dá identidade a assuntos que não aparecem nos currículos dos educandos. Segundo Petronilha Silva (2004), o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena traz junto a necessidade de uma educação voltada para as relações étnico-raciais. Isso não envolve só mudanças nos currículos, mas também transformações nas relações interpessoais dentro da escola, incidindo na "reeducação das relações entre negros e brancos". Além de fortalecer suas percepções e visão em torno da temática racial, o material vem promovendo o rompimento de estigmas, principalmente em torno do gênero, e apoiado pela promoção das Leis 10.649/2003 e 11.645/2008.

Executar esse projeto, demonstrou a urgência por ações mais precisas sobre os diferentes contextos sociais. A execução do Projeto Pedagógico “Cartas Abertas” terá sempre um caráter formador de pessoas conscientes, que acreditam em uma sociedade mais igualitária e que pensa nas mulheres negras como agentes fundamentais para a formação da sociedade brasileira. A educação é um desses caminhos de transformação possíveis, e a escola, por sua função de formação, precisa estar preparada para abordar essas temáticas de forma contundente, encarando a manipulação de novas metodologias de aprendizagem, incentivando a formação continuada de professores e possibilitando aos educandos novas maneiras de se relacionar com o ambiente escolar e com as referências abordadas.



AGRADECIMENTOS

Esse trabalho, assim como a produção do material “Cartas Abertas”, é dedicado às mulheres da minha vida. Trilhei muitos caminhos, e em minha jornada passaram diversas mulheres significativas para meu processo de formação e compreensão identitária. Tenho muito a agradecer a essas mulheres, e esse projeto em si, é uma devolutiva de tudo que recebi. Esse projeto demonstra meu desejo de uma sociedade de mulheres fortes, que reconheçam seu papel de formadoras e agentes de transformação e uma sociedade de homens que tenham consciência e o respeito às diferenças.

Em particular, agradeço a Sílvia Oliveira, minha mãe, minha expressão de existência mais bela. Obrigado por não desistir de mim.

Agradeço também às minhas irmãs, Caroline, Raquel e Suellen, e às minhas sobrinhas, Aylla e Antonella . Vocês são os motivos de continuar vivendo.

A Maria Isabel, deixo minhas eternas saudades, queria que estivesse aqui para ver quem sou hoje.

A Mãe Rose e a Mãe Alice, agradeço por cuidarem de mim, quando achei que ninguém mais faria.

Agradeço também as artistas que enchem meu mundo de beleza, incentivando-me a conquistar coisas grandes e transformadoras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alê. Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. El País. Salvador, Bahia. 27 de julho de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acessado em: 05/06/2024
- BRASIL. Lei 10.639/ 09 de Janeiro de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília
- BRASIL. Lei 11.645/ 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília
- BRASIL. Lei 12.987/ 02 de junho de 2014. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Debate Colonialidade do Gênero e Feminismos Descoloniais. Revista de Estudos Femenistas. 22 (3). Dez 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>. Acessado em: 10/06/2024.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) - FEUSP, São Paulo, 2005.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves da. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF. Aprovado em 10/03/2004.